

*O sertão nordestino e seus sujeitos constituintes na contemporaneidade: contribuições à análise do discurso de pertencimento**

WELLINGTON AMÂNCIO DA SILVA^{*1}

Universidade do Estado da Bahia

JURACY MARQUES^{*2}

Universidade do Estado da Bahia/

Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina

WILMA AMÂNCIO DA SILVA^{*3}

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Esse trabalho apresenta alguns resultados de pesquisas com discentes dos cursos de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia e na Universidade Federal de Alagoas (*Campus Sertão*) entre 2012 e 2014. A partir da Análise do Discurso Foucaultiana, buscou-se apresentar o discurso corrente acerca do Sertão e dos sertanejos sobre eles mesmos, considerando o valor das suas representações como afirmações conscientes pautadas em contextos práticos. Visando observar tais discursos utilizou-se da Etnometodologia como *caminho* necessário para *deixar falar as fontes* e, em suas *ipseidade*, em sua própria voz e ouvi-las, advindas do contexto acadêmico dos

* Recebido em 22 de março de 2015 e aprovado para publicação em 24 de abril de 2015.

^{*1} Mestrando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pelo PPGecoH da UNEB. É vinculado ao grupo de pesquisa “Ecologia Humana” – CNPq/UNEB. E-mail: welliamancio@hotmail.com.

^{*2} Doutor em Cultura e Sociedade com pós-doutorado em Antropologia. É professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia e da Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE). E-mail: juracymarques@yahoo.com.br.

^{*3} Graduou-se em Pedagogia com habilitação nas Séries Iniciais (UNEB), possui especialização em Educação Infantil e em Metodologia do Ensino de Química e Biologia. E-mail: mmima13@hotmail.com.

sujeitos implicados à reflexão incontornável da sua condição de sertanejos constituidores de sentidos.

Palavras-chave: Sertões; História; Linguagens; Representações.

Abstract: This paper presents some results of research with students of Pedagogy at the University of the State of Bahia and the Federal University of Alagoas (Campus Sertão) between 2012 and 2014. From Foucault's discourse analysis, we attempted to present the current discourse about the backcountry and *sertanejos* about themselves, considering the value of their representations as conscious affirmations guided in practical contexts. To observe such discourses are used as a way of Ethnomethodology needed to let the sources to speak, and their selfhood, hear them, coming from the academic context of the subjects involved unavoidable reflection of their status as constitutive subject of senses.

Keywords: Sertão; History; Languages; Representations.

Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se
forma mais forte do que o poder do lugar.
Viver é muito perigoso...
Riobaldo.

Introdução

Em face das experiências de pesquisa acadêmica, nos diversos vínculos construídos nesse percurso, se fez necessário elaborar uma proposta de *análise do discurso* do sertanejo, dos sujeitos implicados diretamente ao tema como *sujeito constituinte* do seu lugar e contexto. Inspirada na escola francesa foucaultiana, as análises serão considerada sob o enfoque da Etnometodologia (GARFINKEL, 1968) quanto à compreensão da autonomia dos sujeitos, visando corroborar com a busca, com os sentidos e

com as produções de uma *narrativa* caracteristicamente assumida pelos seus autores, portanto, num processo de autenticidade.

A metodologia adotada para este trabalho, fundamenta-se nos paradigmas da Etnometodologia, visto que como suas características, “advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem” (CHIZZOTTI, 2008, p. 12), mas, a significação “não apenas uma questão de linguagem”; é a questão da representação da diferença pela cultura – modos, palavras, rituais, hábitos, tempo (BHABHA, 2013, p. 206). Em outras palavras, ela estuda a “*carreira* do homem, em seu curso característico, [para que se possa] discernir sua natureza” (GEERTZ, 2011, 38).

Assim sendo, num primeiro momento o trabalho se efetivou por meio de pesquisa bibliográfica, no intuito de encontrar a melhor fundamentação teórica às questões pesquisadas – na verdade, estas duas lidas dialogaram constantemente durante a construção deste texto inicial. As delimitações iniciais¹ se fizeram a partir de entrevista com discentes do curso de Pedagogia na Universidade do estado da Bahia e na UFAL – Campus Sertão (Pedagogia e História).

Os instrumentos de coletas de dados utilizados foi num primeiro momento um questionário fechado, que teve como objetivo levantar as expressões mais recorrentes no discurso; em seguida, entrevistas estruturadas e questionários abertos baseados no primeiro questionário. Ao final do levantamento foram feitas análises de conteúdo inspirada na obra de Bardin (1979) e pelas categorizações que estas análises propiciaram.

Este artigo está dividido em quatro partes. Em análise do discurso sertanejo, visa-se discutir alguns tópicos referentes às representações do Nordeste/Sertão do ponto de vista em Albuquerque Júnior (2011) que compreende a definição de Nordeste/Sertão como uma invenção imagético-discursiva. Na segunda parte investigar-se-á algumas produções, como resultado de pesquisa entre os participantes do curso de pedagogia,

¹ Este artigo é o resultado parcial de trabalho a ser efetivado por meio de extensa pesquisa em mais de 20% das Universidades Estaduais e Federais do Sertão Nordestino.

pretendendo considerar aí *seu próprio perfil de sertanejo* a partir dos seus discursos, como sujeitos implicados às práticas sociais as quais dão sentido, tendo como base, Garfinkel (1967). Na terceira, visa-se relacionar as concepções de campo de luta, *contra-hegemonia*,² linguagem das possibilidades, e emancipação em Giroux (1999; 1995; 2001; 2003) e McLaren (1995) contribuindo para a proposta de reflexões, ações e discursos emancipatórios, na contemporaneidade. Isso porque, “contra-hegemonia implica um entendimento mais político, mais teórico e mais crítico, não só em face da natureza da dominação, mas também do tipo de oposição ativa que deveria engendrar” (GIROUX; MCLAREN *apud* MOREIRA; SILVA, 2009, p. 132), por meio de uma movimentação face ao poder, apresentando um contradiscurso, que antes de tudo questione “toda forma de pensamento único, o que significa introduzir a suspeita sobre representações da realidade baseada em verdades estáveis e objetivas” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 33).

Fazer, saber, sentir, o lugar na história

É preciso antes ponderar que o objeto acima proposto se coloca diante da sociedade como um “conhecimento que difere” (BOUDIEUR, 2008) quando comparado aos *saberes* que predominam nas diversas instâncias da sociedade. Nesse aspecto, se confirmaria uma desvalorização das culturas tradicionais, das representações do Sertão, do sertanejo como pessoa humana implicada ao seu contexto, histórico, imaginários, territorialidade e memória coletiva (HALSBWACHS, 2003). Foucault nos adverte que

Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem

² É preciso rever todo o discurso de resistência, que faz evocar uma luta sem avanços, apenas de defensivas, que demonstra as impossibilidades de ações diretas, iniciativas de “ataque” por parte dos que resistem. Para tal, considerem-se as ações mais dinâmicas de luta e *desmonopolização* de poder, como da contra-hegemonia.

àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território (FOUCAULT, 2010b, p. 158).

Chama-nos à reflexão as formas de *adoção* dos discursos exteriores aos contextos, condições e lugar do sertanejo como formas de *desenraizamento* (BOSI, 2013), bem como os processos de *interdição*, na/da sociedade, do discurso acerca do Sertão e do Sertanejo, nos espaços formais e não formais de educação e culturalidade. Diante disso, na perspectiva do contexto contemporâneo em que se apresenta a questão, é importante postular sobre as possibilidades da coautoria de concepções de pertencimento (copertença), por meio dos discursos e suas representações, na medida das condições e possibilidades de autonomia sobre estes discursos como primeira instância de um *empoderamento popular*. Assim sendo questionar-se-á sobre o que é um discurso e quais suas implicações nos modos de vida práticos e de reflexão, pessoal e intersubjetiva?

Necessário se faz adequar-se à Literatura relacionada em sua linguagem conceitual, teórica e técnica para obter chancela de discurso válido? Conquanto, há um discurso sobre o Sertão e o sertanejo que promova aspectos positivos de identificação e pertencimento? Se sim, como ele se traduz em acordo de veracidade na representação discursiva da realidade do Sertão e de seus sujeitos implicados?

Com efeito, é válido rememorar que a pertença - de *pertinentia*, “como aquilo que me diz respeito” -, traz ao sujeito e ao outro as representações de realidades construídas e vivenciadas naquilo que *está implicado* às suas próprias ações, anseios e projetos (GARFINKEL, 1967).

E é dessa autonomia e agudeza de sentir-se implicado, em face das condições de possibilidades de copertença, aí onde nascem discursos e suas representações mais significativas e contíguas ao Sertão,

Como referencial para analisar de que modo o conhecimento, os valores, os desejos e as relações sociais são construídos, assumidos, e implicados nas relações de poder, na interação

entre contextos culturais, formas institucionais, autoridade e audiência (GIROUX, 2001, p. 83).

Portanto, se faz necessário apresentar uma crítica às representações do Sertão e do sertanejo advindas de fora: dos discursos não implicados ao nosso contexto, memória, e história. Ao mesmo tempo, visa-se apresentar as vozes dos sujeitos sertanejos, protagonistas, situados e implicados, no aspecto de sua autoria e coautoria - segundo Garfinkel (1967), através de autonomia de escolhas e da sua diferenciação em face do modelo comum de mundo instituído.

Breve análise e gênese do discurso sertanejo

A Análise do Discurso assume a linguagem como mediadora entre o meio social e natural, isto é, entre presença da vida social essencialmente prática e com essência formal dos significados nos discursos. No âmbito desta Análise, para Foucault (2002), o discurso é o conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação; [por exemplo,] “discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátricos” (FOUCAULT, 2010a p. 122), que corresponderiam às áreas do saber na configuração como foi dada a partir da Modernidade. No entanto:

A primeira questão delicada presentes nessas Áreas do Saber é que seus discursos e suas representações tendem a ser compreendidas por meio da “dicotomização” da realidade (certo/errado, bom/mau, ciência/mito, saber/ignorância) como simplificações (racionalização) do mundo cotidiano (AMANCIO; SANTOS, 2013, p. 2).

Isso pode comprovar-se porque, “antes de ver e ouvir [o sujeito] nós já o julgamos (*sic!*); nós já classificamos e criamos uma imagem dele” (MOSCOVICI, 2003, p. 58, grifo nosso), no entanto, este processo de classificação se utiliza de referenciais anteriores muitas vezes reproduzidos de

forma acrítica, sem a mínima refletida. Por causa disso, se faz necessário, apreender, os discursos - advindos de fora -, que representam, constroem e visam construir a imagem e a condição do sertanejo e do seu lugar (SILVA, 2014b; 2014c). Por causa disso, é necessário compreender que “certos modelos [de discursos e representações] retratam o homem na sociedade como um idiota desprovido de julgamento [...]” (GARFINKEL, 1967, p. 66), sobre os fatos e sobre si.

Antes de tudo é preciso voltar um pouco no tempo histórico-social para entender as origens deste discurso que pode ser compreendido em pelo menos três instâncias de representação do Sertão, são elas: a) instância das *terras secas e inóspitas*; b) instância dos *bons tempos de colonização territorial e existencial*; c) instância do *Sertão nordestino “como território da revolta”*. Para tais definições, Albuquerque Júnior (2011), com propriedade, afirma que o Sertão nordestino

é gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nas obras de romancistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; na obra de pintores como Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres etc. O Nordeste é gestado como espaço da saudade dos tempos de glória, saudades do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulo, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 35).

Deste modo, as representações da saudade dos “tempos de glória”, na perspectiva das vozes discursivas chanceladas à enunciação e representação, por meio de sua condição social de elite fazem alusão à instância dos *bons tempos de colonização territorial e existencial*. Acerca deste discurso-imagético, Albuquerque Júnior (2011) destaca alguns exemplos, com as obras de Jorge Amado (1978; 1979), Graciliano Ramos (1993), Cândido Portinari (1944), João Cabral de Melo Neto (2000), o Glauber Rocha (1965), como representações desse Nordeste subversivo e afastada.

O Nordeste, como território da revolta, foi criado basicamente por uma série de discursos acadêmicos e artísticos. Discursos de intelectuais de classe média urbana. Uns interessados na transformação, outros na manutenção da ordem burguesa. Por isso, são obras que partem, quase sempre, de um “olhar civilizado”, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional, arcaico. Um espaço da revolta que, ou deve ser resgatado para a ordem e para a disciplina burguesa, ou para uma nova ordem futura: a da sociedade socialista. Esse Nordeste rebelde, bárbaro, primitivo, devia ser domado, ou pela disciplina burguesa ou pela “disciplina revolucionária”. É do ponto de vista da ordem ou de uma nova ordem que se olha este espaço. É do ponto de vista do poder ou da ‘luta pelo poder’ que se lê este Nordeste (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 194-5)

Desde então, os discursos e suas representações geográficas mais popularizadas do Sertão nordestino são postos numa perspectiva que pode se relacionar ao conceito de fronteira (*boundary*) de Cohen (2004, p. 12), por exemplo, “[...] racial ou linguística ou religiosa. Mas nem todas as fronteiras, e nem todos os componentes de qualquer fronteira, são objetivamente aparente”.

Por isso, geralmente quanto representadas nos discursos, costumamos nos inteirar dessas fronteiras como ideia “muito subjetiva” de lugar, a saber: “áreas sedentas e implacáveis, onde o amor violento do sol trazia o vasto campo fendido e cortado em pedaços sem fio de verde; por toda parte a secura e com ela a morte” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 75), lugar da “gente dos enterros gratuitos e dos defuntos ininterruptos. [...] gente retirante que vem do Sertão de longe” (NETO, 2000, p. 49), nesse “sertão de imensas fazendas e de fome [...]” (AMADO, 1979), onde “quem pode vive e quem não pode morre” (D.E.).³

³ D.E.: *Discente Entrevistado* na ocasião da pesquisa. As falas destes autores serão incorporada às discussões do texto, no intuito de valorizá-las em importância, lado ao lado, com as citações dos autores.

Ainda, sobre essa questão de fronteira e afastamento, segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 1737), o Sertão é:

Região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas; terreno coberto de mato, afastado do litoral; a terra e a povoação do interior; o interior do país; toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que é a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos.

Nesse aspecto, “a fronteira pode ser percebida em termos bastante diferentes, não só pelas pessoas em lados opostos do mesmo, mas também por pessoas do mesmo lado” (COHEN, 2004, p. 12) – o que implica um jogo de representações e discursos, ora no âmbito do consenso, ora no âmbito do conflito e discordância. Mas, necessário é estudar essas relações discursivas com os fatos.

Por outro lado, quanto aos aspectos da linguagem e suas representações sobre o Sertão, da instância dos *bons tempos de colonização territorial e existencial*, há uma imagem idealizada pelas elites, por meio dos discursos das elites regionais, dos colonizadores territoriais e existenciais que se “naturalizaram”. Para essas representações discursivas,

Contribuíram decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa “elite regional” desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, a “docilidade” da senzala, a “paz e estabilidade” do Império (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 35).

Essas elaborações discursivas do Sertão e do sertanejo, em sua vida cotidiana, permanecem como referenciais para as mentalidades não implicadas, compondo assim todo um imaginário de interpretações e representações que na maioria das vezes não é refutado, na ausência de análises *in locus*.

Segundo Moscovici (2003, p. 219), não há representações da vida cotidiana sem linguagem e seu discurso é seu “vetor principal”, visto que “a linguagem é toda ela discurso” (FOUCAULT, 2007, p. 132) e, conseqüentemente, produz seus territórios existenciais e simbólicos, dentro e fora de localidades e de contextos, bem como fazendo alusão à determinada realidade ou modificando-a, mas sempre evidenciado uma luta por poder, pela aceitação de determinadas “verdades”, pela adequação e instituição de modelos simplificados e simplificadores. Em particular, psiquiatras sociais, psicólogos sociais, antropólogos e sociólogos têm usado a padronização para descrever o caráter e as conseqüências das ações que se conformam às expectativas de normalidade (GARFINKEL, 1967, p. 67).

Jodelet (2001) afirma que tais questões são encontradas e “estudadas em suas relações com a ideologia, os sistemas simbólicos e as atitudes sociais refletidas pelas mentalidades [...]” (JODELET, 2001, p. 25), como uma forma muito complexa de dominação e manutenção de domínios territoriais, existenciais, concretos ou abstratos. Albuquerque Júnior corrobora com a autora ao afirmar que “nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas [...]” (2001, p. 27).

Sobre as tendências de simulação, representação e ideologização da realidade nestas narrativas, Certeau (1994) afirma que

A linguagem produzida por uma categoria social dispõe de poder de estender suas conquistas às vastas regiões do seu meio ambiente, “desertos” onde parece não haver nada de tão articulado, mas se vê prisioneira nas armadilhas de sua assimilação por um maquis de procedimentos que suas próprias vitórias fazem invisível ao ocupante (CERTEAU, 1994, p. 95).

Os poderes de discursar a “verdade” pela instituição do próprio discurso – também visto por Foucault (2002, p. 18) –, se dão nas interações cotidianas, assimilados ao universo simbólico e significante dos sujeitos; que

é construído historicamente, *mantido socialmente e aplicado individualmente* (GEERTZ, 2011, p. 151). Em última instância, no âmbito da sua recepção, “primeiro transferindo-o [para sua] própria esfera particular, onde [só ai eles são] capazes de compará-lo e interpretá-lo e depois reproduzindo-o entre as coisas que ver e tocar [...]” (MOSCOVICI, 2003, p. 61). Em vista disso, há, *grosso modo*, duas possibilidades de desconstrução: estas “narrativas disciplinadoras passam a ser vulneráveis, já que o significado está ligado ao uso que o receptor faz da linguagem” (JOSGRILBERG, 2002, p. 17) e essa vulnerabilidade (essa falha essencial⁴ que jamais convenceu plenamente os sujeitos de qualquer impossibilidade de autoria) é a instância mesma de ações contra-hegemônicas: primeiro da *autonomia de significação* por meio dos discursos próprios assumidos e afirmados. Segunda possibilidade: apoderamento da realidade, no convívio consciente com o meio e com o outro e da negação e crítica a modelos discursivos unilaterais de representação da Sertanidade, combatendo os *discursos oficiais* (GIROUX, 2009, p. 119). Visto que “temos o direito e o dever, como sertanejos, de falar o que somos e do lugar onde estamos” (D.E.).

Por isso, “há uma necessidade de uma linguagem de crítica, um questionamento das pressuposições” (colocadas acima); e de constituir uma “linguagem de possibilidades [que] vá além da crítica para elaborar uma linguagem de empoderamento humano” (GIROUX, 1999, p. 20-21), popular, sertanejo, para e em função do seu contexto e como referencial nunca cristalizado, possa-se refletir e agir no âmbito de uma copertença e de uma coautoria dos seus próprios discursos e representações.

⁴ As frestas de entrada nos espaços de apoderamento - por exemplo, a academia -, é a falha ontológica incontornável presente em todas as instituições, em todos os seus contextos históricos sociais “desfavoráveis”. A possibilidade de crítica, de desestruturação, de negação, resistência e contra-apoderamento é a contradição inescapável a todos os espaços de poder ditos intransponíveis - o que demonstra (apensar de um contrário apenas aparente) a tendência natural do poder não se manter monopolizado ou estático, como Foucault havia dito.

Alguns aspectos do discurso sertanejo contemporâneo

O discurso é um instrumento para a construção de uma contra-esfera pública (GIROUX, 1995, 1999, 2001, 2009), um campo de luta e uma dimensão de afirmações produzidas em coautoria, entre seus sujeitos implicados, envolvidos e enredados nos contextos da vida cotidiana a qual tem autonomia; especificamente *aquele que se reconhece como sertanejo e procura, a partir desta qualidade, se integrar conscientemente ao seu meio, buscando subsistência sem ser explorado ou explorador, convicto da sua condição* (D.E.). Em outras palavras, não enquanto sujeitos simplificados a um “conformismo lógico” de Durkheim (BOURDIEU, 2010, p. 9; MAFFESOLI, 2010b, p. 19), levantados em modelos óbvios e categorizados no tipo de sociedade preconcebida de um sujeito “idiota cognitivo [...] que produzem as características estáveis da sociedade, agindo em conformidade com o preestabelecido e com as alternativas legitimadas de ações que a cultura comum oferece [...]” (GARFINKEL, 1967, p. 68). Para isso, se faz necessário, a cada sujeito,

se localizar criticamente dentro destes fluxos culturais e não tentar barrá-los. É preciso produzir uma permanente crítica das condições de produção do conhecimento e da cultura no país e em suas diversas áreas. É preciso ter um olhar crítico em relação a este olho grande que nos espia; ter uma voz dissonante em relação a estas grandes vozes que tentam nos dizer. Não se trata, pois, de buscar uma cultura nacional ou regional, uma identidade cultural ou nacional, mas de buscar diferenças culturais, buscar sermos sempre diferentes, dos outros e em nós mesmos (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 310).

Posto que, “a representações da diferença não pode ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição [...]” (BHABHA, 2013, p. 21). Assim, por localizar-se criticamente como sertanejo, nordestino, discente, em fase das alteridades e não de uma identidade

“homogeneizadora”, reconhece que *sobreviver às dificuldades advindas do sertão, vivenciar e resgatar as tradições e memórias que fazem parte do seu contexto, da sua história*, é condição de produção de “permanente crítica”, e ainda, segundo Garfinkel (1967), pode-se afirmar que os sujeitos dispõem de diversos caminhos cognoscíveis por onde podem circular sua reflexão, prática e criticidade, pois estão em constante aperfeiçoamento diante daquilo que refletem e fazem:

Uma boa parte existência social escapa à ordem da racionalidade instrumental, não se deixa finalizar e não pode ser reduzida a uma simples da dominação. A duplicidade, o ardil, o querer-viver se exprimem por meio de uma multiplicidade de rituais, de situações, de gestuais, de experiências, que delimitam um espaço de liberdade (MAFFESOLI, 2010a, p. 54).

Em face da *análise do discurso do Sertão e de seus sujeitos constituintes, na contemporaneidade*, nas perspectivas discutidas até aqui, no decorrer das pesquisas e entrevistas iniciais atualmente registradas, solicitou-se “quatro palavras, em ordem crescente de importância, que pudessem definir o sujeito sertanejo”, as mais constantes foram: Corajoso, persistente, Trabalhador, explorado, Lutador, talentoso, sociável, Homem forte, confiante, sábio, Guerreiro, batalhador, honesto, Sofredor. Como se pode ver, o fato interessante nestas definições é que os entrevistados fizeram questão de colocarem algumas destas palavras com letra inicial em maiúscula.

Ainda é preciso colocar um fato demonstrado implícita e explicitamente nas entrevistas: quando se apresenta o sertanejo na condição de explorado, o explorador nunca é situado enquanto nordestino/sertanejo, mas “alguém que veio de fora”, ou ainda, “um intruso oportunista e colonizador” (D.E.).

Há o discurso da não pertença, isto é, o do sertanejo afastado do sertanejo, pela análise e observação dos “fatos”, quando se afirma que o é um “sertanejo sofredor”, especificamente “sujeito à seca e às más condições de vida”, porém, “homem ou mulher de fé”. Ora, quanto mais se aproximam

dos centros urbanos e do próprio rio São Francisco⁵ (Opará), mas as representações do Sertão seco se apõem às representações de “Vidas Secas” de Graciliano e dos “retirantes” de Portinari (1944). Pensa-se que o sertanejo, *desconfiado das promessas e dos que falam de soluções para a seca, sabe que não tem, pois o Sertão é isso mesmo: estiagem por seis meses e chuvas intermitentes no restante (D.E.)*. Neste ponto de vista, o *sertanejo contemporâneo* é também:

Uma individualidade ligada a uma representação cultural de mundo, por muitas vezes distanciado da dimensão planetária que a cultura sertaneja pode possibilitar. Um sertanejo mundializado, glocal,⁶ segundo termo utilizado por Enrique Leff (D.E.).

Portanto, a questão de como se “enxerga” é que pode contribuir para iniciar os traçados e itinerários de vidas, pois, a partir de uma perspectiva de criticidade, ver/sentir, refletir/questionar e enunciar/afirmar, sua condição de sertanejo é que os sujeitos se perfazem, eles mesmos, co-constroem seus discursos, representações e práticas acerca do seu lugar, da sua memória, e sua “etno-historiografia”, como resposta às nossas imensas e complexas peculiaridades. A partir desses esteios, é que interagimos com o outro e com o mundo cotidiano, no âmbito constante da “relevância dos sentimentos de pertencimento – solidariedade, alteridade e reciprocidade – para a constituição do ser social” (RODRIGUES, 2013, p. 68), em sua interação com o outro – condição de resignificação da sua autonomia, autocriticidade, autopoiesis - disso, clarifica-se nossa inteligibilidade e orientação do nosso *ser sertanejo*.

⁵ É importante rememorar que o Opará (nome indígena atribuído sertanejo) fora cristianizado, e assim recebeu a denominação de São Francisco.

⁶ Global e Local.

Considerações provisórias

Quando o sertanejo fala de si mesmo, assim o faz como autor legítimo das *suas* representações e de *suas* condições em face do *seu* contexto. Como um modo contra-hegemônico de dizer quem é. Nisto reside os aspectos de *ipseidade do discurso*, ao falar de si e não de ser apenas representado por discursos outros. Falar de si é um exercício de autenticidade e de emancipação, desta *autopoiesis*, isto é da “criação” de si e do seu lugar, no discurso – ela possibilita experiência de empatia que não desfazem as alteridades.

Por isso, é preciso criticar a questão sobre *discurso do diferente* que, desde então, se dá por duas vias: pela *adoção* acrítica ou imposta dos modelos instituídos da sociedade dita civilizada; e/ou pela *interdição* dos discursos, aspectos, saberes, valores e modos de ser e estar etnoculturais e etnoecológicos que são característicos ao nordeste e aos seus sujeitos. Sobre essa crítica, se faz necessário apresentar novas vias de representações, imagéticas e discursos ante as instâncias constituidoras de sentidos e atitudes e discursos social e politicamente desejáveis, isto é, as instâncias das *terras secas e inóspitas*; dos *bons tempos de colonização territorial e existencial*; do *Sertão nordestino “como território das revoltas”* sob controle do Estado.

Referente ao lugar em suas condições climático-geográficas é premente considerar os novos estudos baseados no *convívio com o semi-árido* e ainda os estudos e pesquisas de Ecologia Humana, no âmbito do Sertão, para que as afirmações do Sertão e dos sertanejos, dadas por eles mesmos, possam estar fundamentadas nas possibilidades de convívio, saberes, sustentabilidade tradicional e afirmações, no seu lugar histórico, em face das questões ecossociais, etnoculturais e políticas implicadas aos diversos contextos estudados, e ainda desconstruir a autonegação da sua condição e a negação do seu universo geográfico climático, como “terra ruim” e como um “ambiente do irremediável, porque não se pode esquecer que a “identidade” do sertanejo nordestino é também imanente ao *lugar* onde habita – por causa disso, têm-se exemplos positivos afirmações e discursos implicados: as concepções de copertença estudadas são percebidas, em toda a histórica,

como um dos mais fortes aspectos ontológico da autenticidade e da emancipação conscientes dos sujeitos na construção e aplicação de suas autonomias. Ora, no âmbito da copertença, o *lugar* é uma ressignificação histórica dos espaços concretos, imagéticos, discursivos e afirmativos pela *atribuição* de sentidos, de afeição e de referências, construída nas interações sociais, intersubjetivas e memoriais.⁷

Diante disso, é necessário afirma que essa copertença (noção intersubjetiva de pertencimento e reciprocidade) é um exercício de autonomia de reflexão diante dos fatos, de ressignificação metodológica e teleológica da realidade como instância da vida cotidiana que não se pode cristalizar. Por causa disso, na medida em que nos apropriamos dos fatos com um olhar crítico, para além da crítica instituída, afirmamos nossa coautoria responsável e engajada; não se pode esquecer que estas ações são um retorno a nós mesmo, ao lugar e àquilo que nos caracteriza e que caracterizamos incansavelmente. Sabe-se que hoje essa realidade se forma e se transforma através de uma atitude que reflita um engajamento às responsabilidades histórias e respostas condizentes às reflexões sérias que estas condições demandam na contemporaneidade.

Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMADO, Jorge Amado. *Seara Vermelha*. Ilustrações de Carlos Scliar. 35ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- _____. *Teresa Batista cansada de guerra*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AMANCIO, Wellington. A Ordem do Discurso no contexto docente e suas representações: uma nova proposta de reconstrução de sentidos. *Revista Saber & Educar*, Porto, v. 18, p. 1-21, 2014.

⁷ Sobre o aprofundamento do conceito de intersubjetividade ver: SILVA (2014, p. 3).

- AMANCIO & SANTOS, Wellington, Vinícius Silva. *Análise do discurso e teoria das representações sociais no contexto da (re)produção de sentidos docentes*. São Cristovão: EDUCON, 2013.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2003
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- COHEN, Anthony P. *The symbolic Construction of Community*. London: Routledge, 2004.
- COULON, Alain. *L'ethnométodologie*. 5ª ed. Paris: PUF, 2007.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.
- FOUCAULT, Michael. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola: 2002.
- _____. *Arqueologia do Saber*. São Paulo: Forense Universitária, 2010ª.
- _____. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal: 2010b.
- _____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GARFINKEL, Harold. *Studies of Etnomethodology Social*. 2nd ed. UK: Polity Press, 1967.
- GEERTZ, Cliffford. *A interpretação da cultura*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GIROUX, Henry. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- _____. *Public Spaces, Private Live: beyond the culture of cynicism*. Oxford: Row man & Littlefield Publishers, 2001.

- _____. *Atos Impuros: a prática política dos estudos culturais*. São Paulo: Arned, 2003.
- _____. Radical pedagogy as cultural politics: beyond the discourse of critique and anti-utopianism. In: MCLAREN, Peter. *Critical Pedagogy and Predatory Culture: oppositional politics in a postmodern era*. London: Routledge, 1995.
- _____. Formação do Professor como uma Contra-Esfera Pública: A Pedagogia Radical como uma Forma de Política Cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2009.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e Mudança na Educação*. Porto Alegre: Artmed: 1998.
- HOUAISS, Antônio; SALLES VILLA, Mauro de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D (Org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- _____. *Les Représentations Sociales*. Paris, PUF: 1993.
- JOSGRILBERG, Fabio B. Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas? *Comunicação & Sociedade*, v. 1, n. 37, p. 14-21, 2002.
- MCLAREN, Peter. *Critical Pedagogy and Predatory Culture: oppositional politics in a postmodern era*. London: Routledge, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010^a
- _____. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras, 2010b.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais*. 4^a ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MELO NETO, João Cabral. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 64^o ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1993.
- ROCHA, Glauber. *Deus e o Diabo na terra do sol*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

- RODRIGUES, Elília Camargo. Identidade mobilizadora, Liderança e Educação: fatores que inter-relacionam. *Opará - Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação*, Paulo Afonso, ano 1, v. 1, jan.-jun. 2013.
- ROSA, Guimarães. *Grandes Sertões-Veredas*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.
- SILVA, Wellington Amâncio. A Intersubjetividade dos Processos Docentes - Análise do Discurso e teoria das Representações Sociais. *Revista Ouricuri*, v. 4, n. 1. mar.-abr. 2014a.
- SILVA, Wellington Amâncio; MARQUES, Juracy. Formação socioambiental de professores - as territorialidades da cidade e da natureza. In: *VI FIPED - Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP)*, v. 1, p. 1-17, 2014b.
- _____. O sertão seus sujeitos constituintes em Vidas Secas - o discurso do semiárido em busca de uma ecologia humana. In. *II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais*, v. 2, p. 120-131, 2014c.